

14-1-45

A Universidade de LOVAINA

Se os desgostos da guerra no terreno económico e puramente material atingem proporções inconcebíveis, não são menores nem menos dolorosas as ruínas morais e espirituais que ela tem provocado. Não vale mesmo a pena tentar um balanço aproximado sequer das perdas irreparáveis com que a Europa vem pagando esta loucura. Um dia a História imparcial destes conturbados tempos flagelará devidamente a barbaridade da guerra e sobretudo a selvajaria dos métodos modernos de guerra total.

Para, no entanto, apreciarmos a extensão das perdas espirituais, basta considerar a destruição de tantos e tão belos monumentos artísticos, as ruínas de tantas e tão gloriosas Catedrais a que anda ligada a História da Humanidade, a devastação de tantas cidades universitárias e os incêndios das suas melhores bibliotecas. Dir-se-ia que o monstro desta guerra se enfureceu de maneira especial contra tudo o que representava o triunfo do espírito sobre a matéria, o domínio da inteligência e do coração sobre a máquina.

E neste capítulo representa bem um símbolo a gloriosa e duplamente mártir Universidade de Lovaina, centro de cultura universal, «alma-mater» do espírito, da ciência e da civilização.

Na noite de 25 para 26 de Agosto de 1914, no início da outra guerra mundial, chamas criminosas tinham sido ateadas na antiga biblioteca. A escuridão daquela noite sinistra foi então rasgada pelo clarão do incêndio que destruiu totalmente alguns dos mais valiosos documentos da antiguidade e uma soma considerável de livros manuscritos e impressos, somatório do trabalho incansável dos maiores valores intelectuais do mundo, durante longos séculos de investigação e de buscas em busca da verdade. As chamas viram-nas apenas os olhos estarecidos dos habitantes daquela mártir cidadela do espírito. Mas a luz avermelhada da diabólica fogueira acendeu no mundo inteiro um protesto unânime de indignação, e depressa se juntaram todos os valores das diferentes nações para proceder o mais rapidamente possível à restauração completa da Universidade e da sua Biblioteca.

Uma comissão internacional, de que fizeram parte alguns dos mais notáveis portugueses de então, tomou a seu cargo a simpática tarefa. Os Estados Unidos da América encarregaram-se da construção do majestoso edifício, enquanto que, nos diversos países, comissões nacionais recolham fundos e livros para o reequipamento da biblioteca incendiada.

Na noite de 16 para 17 de Maio de 1940, seis dias depois de ter começado a luta no território belga, novo incêndio se declarava com fúria destruidora no moderno edifício. Por natural precaução, tinham sido arrecadadas nas caves as obras mais preciosas e os documentos de maior valor. As chamas tudo devoraram, porém, porque o incêndio estalou com tanta violência que depressa todo o edifício se encontrava envolto num mar de fogo.

Dos 900.000 volumes manuscritos e impressos, das gravuras, das moedas e medalhas e das inúmeras reproduções fotográficas que constituíam a inapreciável riqueza de uma das melhores bibliotecas do mundo, apenas se salvaram 15.000 livros impressos. Tudo o mais foi reduzido a pó, que o vento levou, tendo-se perdido, além disso, todos os catálogos, ficheiros e inventários, bem como todo o material didático, os aparelhos de fotografia, de microfotografia, e fotocópia!

Os prejuízos causados no edifício, que ficou em completa ruína com as paredes calcinadas e os ferros torcidos, e a destruição de todo o seu valiosíssimo recheio foram avaliados já, pelas autoridades competentes, em 170 milhões de francos, valor de 1939, ou seja, em moeda portuguesa e ao par, também valor de antes da guerra, em 170 mil contos! Mas que é toda esta riqueza material que a guerra devorou só ali, em comparação da imensa riqueza científica e artística perdida naquela noite de desvairo e de furor?

Desde que a matéria perdeu o respeito pelo espírito e o pretendeu submeter à sua tirania; desde que a economia perdeu o respeito pela pessoa humana e escravizou o homem ao império do dinheiro; desde que a auto-ridade perdeu o respeito pelos direitos da independência e da liberdade humanas e os tutelou à fúria de um partido, não admira que também a guerra perca o respeito por todos os valores da civilização, pelos lugares

mais sagrados, por todos os direitos da justiça e da bondade e da humanidade, e até por todos os direitos de Deus.

Mas é nossa esperança que, olhando finalmente para a obra que deixou atrás de si, seja o rasto de lama e de sangue que os seus pés marcaram no caminho que traçou, veja as ruínas e os destroços que ficaram dos seus desvários, e arrependido de tanto crime, de tanta loucura e de tanta dor que provocou, o homem arrepie caminho, e volte a restaurar na vida individual, nacional e social a verdadeira jerarquia dos valores. Que volte a reconhecer os direitos da inteligência sobre o dinheiro, os direitos do homem sobre a matéria, os direitos da justiça sobre os interesses, os direitos da bondade e da fraternidade humana sobre os presumíveis direitos da destruição e da morte.

A Biblioteca da Universidade internacional de Lovaina, duas vezes incendiada em 25 anos, é um prego continuado à humanidade desvairada, a chamá-la à razão e à verdade.

Perderam-se imensas riquezas materiais, foram reduzidas a cinzas inestimáveis preciosidades científicas, e daquilo que era um templo de estudo e de saber—uma luz sempre acesa nas trévas do mundo—pouco mais resta do que paredes nuas, desolação e ruína.

Não importa! Lovaina não morreu! Lovaina ressuscitará novamente das suas próprias cinzas e talvez com ela ressuscite de novo na terra o império da Justiça e da Fraternidade Universal.